

APRENDIZAGEM, MEDIAÇÃO E O SETOR DE ASSESSORIA PEDAGÓGICA

LEARNING, MEDIATION, AND THE PEDAGOGICAL SUPPORT SECTOR

Resumo: Este artigo apresenta os resultados da pesquisa intitulada *O Setor de Assessoria Pedagógica e as práticas de mediação às aprendizagens na EPT* (Educação Profissional e Tecnológica), tendo como objetivo compreender e analisar as práticas de mediação às aprendizagens desenvolvidas pelos Setores de Assessoria Pedagógica (SAP) de um Instituto Federal do Rio Grande do Sul, junto aos estudantes de ensino médio integrado. A investigação, de natureza qualitativa, baseou-se em entrevistas semiestruturadas com 16 profissionais técnico-administrativos do SAP dos *campi* da instituição. O processo de coleta e análise dos dados incluiu etapas como: realização das entrevistas, registros contínuos, transcrição, leitura e releitura dos materiais, categorização e análise. A partir desses dados, emergiram quatro categorias principais: práticas de mediação às aprendizagens (diretas e indiretas), concepções de aprendizagem, concepções sobre o ensino médio integrado e percepções dos profissionais sobre suas próprias práticas. A análise revelou que os SAPs desenvolvem ações variadas que envolvem mediação, assessoramento e acompanhamento a docentes, estudantes, equipes gestoras e famílias, visando contribuir para a efetivação das políticas institucionais e para o processo de aprendizagem dos alunos dos cursos técnicos integrados. Embora nem sempre explicitadas, essas ações demonstram aproximações com os referenciais teóricos de Vygotsky, com os princípios que orientam os Institutos Federais e com a proposta pedagógica da instituição. A pesquisa também evidencia desafios significativos para o fortalecimento do setor, como a necessidade de reduzir a centralidade das funções burocráticas, ampliar a parceria com as gestões e equipes pedagógicas, investir em formação continuada e consolidar a identidade pedagógica do SAP.

Palavras-chave: Mediação. Aprendizagem. Assessoria Pedagógica. Ensino Médio Integrado.

Abstract: This article presents the results of a research study entitled The Pedagogical Advisory Sector and the practices of learning mediation in EPT (Professional and Technological Education), aiming to understand and analyze the practices of learning mediation developed by the Pedagogical Advisory Sectors (SAP) of a Federal Institute in Rio Grande do Sul, with students of integrated high school. The investigation, of a qualitative nature, was based on semi-structured interviews with 16 technical-administrative professionals of the SAP of the institution's campuses. The process of data collection and analysis included steps such as: conducting the interviews, continuous recording, transcription, reading and re-reading of the materials, categorization and analysis. From these data, four main categories emerged: practices of learning mediation (direct and indirect), concepts of learning, concepts about integrated high school and professionals' perceptions about their own practices. The analysis revealed that SAPs develop various actions that involve mediation, advice and monitoring of teachers, students, management teams and families, aiming to contribute to the implementation of institutional policies and the learning process of students in integrated technical courses. Although not always explicit, these actions demonstrate approximations with Vygotsky's theoretical frameworks, with the principles that guide the Federal Institutes and with the institution's pedagogical proposal. The research also highlights significant challenges for strengthening the sector, such as the need to reduce the centrality of bureaucratic functions, expand the partnership with management and pedagogical teams, invest in continuing education and consolidate the pedagogical identity of SAP.

Keywords: Mediation. Learning. Pedagogical Consulting. Integrated High School.

Introdução

Com o objetivo de responder às demandas de desenvolvimento da sociedade brasileira contemporânea, foram criados os Institutos Federais. Essas instituições propõem um diálogo com a sociedade, utilizando a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) como estratégia de desenvolvimento local e regional. A EPT é compreendida em sua forma politécnica e omnilateral, articulando trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana, e o desenvolvimento é entendido como um processo de fortalecimento da inserção cidadã, transformação social e enriquecimento de conhecimentos para modificar a vida social (Pacheco, 2011). Como prioridade de atuação, a lei que deu origem aos Institutos, definiu os cursos técnicos, preferencialmente integrados ao ensino médio.

Para atender a essa demanda, o Instituto Federal conta com diferentes profissionais e setores em sua estrutura. Dentre eles, o Setor de Assessoria Pedagógica (SAP) de cada *campus* é responsável por atividades relacionadas diretamente à gestão do ensino. Suas atribuições estão expressas em portaria institucional, prevendo atuação relacionada aos processos de ensino e de aprendizagem, que envolvem discentes, docentes, gestores, a organização dos espaços e tempos educativos, contribuindo para que as atividades estejam alinhadas com sua proposta pedagógica.

Neste vasto campo da atuação profissional, a pesquisa visa compreender e analisar as práticas de mediação às aprendizagens desenvolvidas pelos Setores de Assessoria Pedagógica de um Instituto Federal, junto aos estudantes do Ensino Médio Integrado, com o objetivo de responder à seguinte questão: como o Setor de Assessoria Pedagógica contribui para a aprendizagem dos estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio?

A investigação se baseia nos estudos de Vygotsky e na teoria Histórico-Cultural que, em sua base materialista-dialética, considera o trabalho educativo como meio para a formação humana e, principalmente, para a emancipação dos sujeitos. Conceitos presentes na teoria de Vygotsky tornam-se relevantes para este trabalho pela relação com o Projeto Pedagógico Institucional, com a proposta dos Institutos Federais e as características do Setor de Assessoria Pedagógica. Entre eles, destacam-se os processos de mediação, de interação social e o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Esta, definida como a distância entre o nível de desenvolvimento cognitivo real e o nível de desenvolvimento potencial, que representa as funções em processo de maturação, prestes a consolidar-se. Segundo Vygotsky, os processos de aprendizado impulsionam os processos de desenvolvimento, ressaltando a importância da atuação do outro na mediação entre a cultura e o indivíduo. Nesse sentido, interação e mediação são processos fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem, assim como, a importância do contexto social em que ela ocorre. A interação social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, pois as mediações e orientações promovidas por indivíduos mais capazes, com o uso de instrumentos e signos, precisam ocorrer dentro da ZDP para favorecer a aprendizagem. (Moreira, 2021; Oliveira, 2010; Piletti e Rossato, 2013; Pino, 2005).

Neste artigo trazemos um detalhamento do processo metodológico percorrido para a coleta e análise dos dados, as categorias emergentes a partir das narrativas dos participantes e a análise realizada à luz da teoria que embasa a pesquisa.

Metodologia

A presente pesquisa¹ foi conduzida em um Instituto Federal situado no Rio Grande do Sul, que oferta cursos de formação inicial e continuada, cursos técnicos, de graduação e de pós-

¹ Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme CAAE número 81870124.0.0000.5574.

graduação. Caracterizado por uma estrutura *multicampi*, a instituição atende aproximadamente 12.800 estudantes, dos quais 6.600 estão matriculados em cursos técnicos de nível médio. E seu corpo funcional é composto por cerca de 1.400 servidores, incluindo docentes e Técnico-Administrativos em Educação (TAEs).

Para a realização deste estudo, adotou-se a abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva de Szymanski (2018), sendo a entrevista reflexiva o procedimento utilizado para a construção dos dados. Essa abordagem valoriza a interação social e o compartilhamento de compreensões entre pesquisador e participantes, visando à construção conjunta de conhecimento sobre o fenômeno investigado. Conforme postula Szymanski (2018, p. 14), "Esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre os significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos dos protagonistas".

A coleta de dados foi efetivada por meio de entrevistas semiestruturadas, com um roteiro preestabelecido e conduzidas remotamente através da plataforma *Google Meet*. Participaram deste processo 16 profissionais técnico-administrativos em educação, lotados no SAP, os quais, após aceitarem o convite e formalizarem sua adesão mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram entrevistados individualmente. A amostra foi composta por 06 pedagogos e 10 técnicos em assuntos educacionais. Em relação à qualificação, 12 possuíam especialização, 15 haviam concluído o mestrado e 03 com doutorado em curso ou concluído. A análise dos dados coletados seguiu as etapas metodológicas propostas por Szymanski (2018), que incluem: o registro contínuo das entrevistas por meio de gravação e anotações das percepções da pesquisadora; a transcrição integral das falas dos participantes para a criação da primeira versão escrita; a elaboração do texto referência, caracterizada pela revisão e refinamento da linguagem; a fase de transcrever/rever/analisar, dedicada à leitura aprofundada e reflexão sobre o conteúdo das entrevistas; e a categorização, que envolveu a leitura e releitura do material, a elaboração de sínteses provisórias e o agrupamento dos dados em categorias analíticas.

O processo de categorização envolveu a identificação inicial de palavras e expressões significativas, agrupamento das narrativas e a elaboração de sínteses que se traduziram em unidades de significado. A análise das entrevistas revelou palavras e expressões recorrentes, essenciais para identificar padrões e construir categorias que permitiram interpretar os dados e compreender o fenômeno investigado, em consonância com o problema e objetivos da pesquisa.

Quadro 1 – Palavras e expressões significativas:

Palavras	Significados nas narrativas
Acolhimento	Relacionado ao trabalho de recepção e atendimento de discentes, docentes e familiares.
Acompanhamento	Atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo pelos profissionais que atuam no setor.
Apoio	Relacionado ao atendimento, ao apoio pedagógico aos estudantes, apoio ao ensino, à gestão, aos coordenadores.
Aprendizagem	Palavra central nas entrevistas, indicando que o foco principal do trabalho do Setor de Assessoria Pedagógica deveria ser o processo de aprendizagem dos estudantes.
Atendimento	Envolve docentes, discentes e famílias. O atendimento individualizado e personalizado aos estudantes e aos professores é uma das atividades mencionadas com bastante frequência nas entrevistas.
Atribuições	Palavra utilizada para designar atividades próprias do setor, como também em situações de questionamento sobre as mesmas, demonstrando a preocupação e a necessidade de uma definição mais clara e objetiva dessas funções. Relaciona-se, também, ao conjunto de atividades previstas na portaria institucional que estabelece as atribuições das suas unidades organizacionais.
Avaliação e autoavaliação	Processos relacionados à aprendizagem e ao trabalho desenvolvido na instituição, que envolve diferentes atores e setores e que é entendido como essencial para a melhoria e manutenção da qualidade do serviço que é oferecido à comunidade.

Burocrático	Em referência às atividades de registro, às documentações recebidas, arquivadas e analisadas pelo setor. Também é utilizado pelos participantes como sinônimo de atividade administrativa.
Conselhos de Classe	Está presente em todas as entrevistas, evidenciando a atividade como central nos cursos de ensino médio integrado.
Formação	Formação de professores, formação do grupo do SAP e a formação integral dos estudantes, foram temas abordados com frequência nas entrevistas, evidenciando a importância da discussão e do desenvolvimento contínuo dessa atividade. Também esteve relacionada à dificuldade em implementar ações nesse sentido.
Gestão	Relação estabelecida com as funções do setor, o respaldo para sua execução e a importância da comunicação e apoio.
Integração	Importância da integração entre os diferentes setores da instituição e entre os diferentes tipos de conhecimento. A formação integrada, que une a educação básica à educação profissional, foi destacada como um dos pilares da proposta pedagógica dos Institutos Federais.
Legislação	Interesse e a importância em conhecer as leis e regulamentações que orientam o trabalho do SAP e da instituição.
Mediação	Utilizada para definir as ações do setor, no sentido de que o SAP atua como mediador entre estudantes, professores e famílias, buscando alternativas para os desafios educacionais.
Orientação	Orientação aos estudantes sobre estudos, organização e outros aspectos da vida acadêmica. Orientação também para coordenações e docentes sobre diferentes aspectos da prática pedagógica.
Planejamento	Importância do planejamento integrado entre o SAP, os demais setores e os professores. Planejamento integrado relacionado à efetivação da formação integrada.
Resistências	Palavra utilizada em relação à baixa participação nas formações, nas discussões que envolvem metodologia, práticas pedagógicas em sala de aula. Também em relação ao SAP, como setor de promoção dessas discussões, avaliações, análises.
Sistema Acadêmico	O sistema acadêmico é apontado como um entrave para o desenvolvimento de ações voltadas às atribuições do setor, em decorrência de dificuldade ou impossibilidade de emissão de determinados relatórios para acompanhamento das turmas.
Coração da instituição	Expressão utilizada em relação ao SAP como um setor fundamental para o funcionamento da instituição.
Professora do apoio:	Autodenominação, evidenciando o papel pedagógico do setor, como também a característica dos profissionais que nele atuam.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

Resultados e discussões

De acordo com Szymanski (2018, p.78), “A categorização concretiza a imersão do pesquisador nos dados e a sua forma particular de agrupá-los segundo a sua compreensão”. A este momento, a autora denomina de explicitação de significados. Assim, reforça mais uma vez, a importância de uma leitura atenta (imersão), mas também, esclarece sobre a liberdade de escolha da forma de organizar os dados.

Diante dessas premissas e com base nas palavras e expressões mais relevantes das entrevistas, agrupamos os dados em categorias de análise conforme seus temas. As categorias emergentes incluem: as práticas de mediação às aprendizagens (diretas e indiretas), concepções de aprendizagem, concepções de ensino médio integrado e percepções dos profissionais sobre suas práticas.

Categoria 1: As práticas de mediação às aprendizagens (diretas e indiretas)

Este texto analisa as práticas do Setor de Assessoria Pedagógica, dividindo-as em ações diretas com estudantes e ações indiretas com docentes, gestão e familiares, para melhor

compreender seu impacto no aprendizado. Essa divisão, baseada nas narrativas das entrevistas², permite uma análise detalhada das diferentes formas de mediação utilizadas pelo setor.

Quadro 2 – Práticas de mediação às aprendizagens (diretas)

Narrativas ³	Unidades de significado
A gente usa muito aqui no <i>campus</i> a orientação para os estudos. [...] Passamos em todas as turmas de primeiro ano fazendo esse trabalho de orientação, verificando as dúvidas, explicando como podem se organizar, porque tem curso com 15 disciplinas. Então, como é que vai ser essa organização, como aproveitar esse tempo. [...] a gente faz desde olhar o caderno. (E6)	-Orientação de estudos, organização para estudar, gestão do tempo. (E4, E5, E6, E16);
Inclusive isso, orientar que ele observe o horário de aula, ter um material daquela aula, pegar, anotar, fazer um mapa mental, um mapa conceitual. (E5)	-Oficina sobre gestão do tempo e formas de estudo. (E16, E4);
[...] a gente tenta fazer isso desde o início do ano, que é a questão da organização para estudar, ter uma rotina de estudos, fazer uma gestão do tempo. Então é uma demanda que é apresentada pelos estudantes, e também pelos professores. (E16)	-Equipe Apoio e Equipe Multidisciplinar. (E3, E12, E15);
Desenvolvemos diferentes ações, por exemplo, semana passada, nós estávamos aqui atendendo os alunos do primeiro ano do integrado com uma oficina sobre gestão do tempo e técnicas de estudo. [...] A gente acompanha, e a gente faz uma mediação entre os alunos. (E4) Para dar conta de toda essa demanda, nós temos institucionalizado no <i>campus</i> a Equipe Apoio. Que é uma equipe multidisciplinar, composta pelos pedagogos, técnicos em assuntos educacionais, pelos psicólogos do <i>campus</i> , assistentes sociais, pelos colegas da CAE, e pelos coordenadores de curso. (E3)	-Acompanhamentos decorrentes do Conselho de Classe. (E16, E4);
[...] mas às vezes eles têm medo, eles têm vergonha. Então a gente acha importante criar esse canal de escuta individual. Então no primeiro semestre, a gente já faz esse questionário individual, de escuta dos alunos. (E4)	-Atendimento aos estudantes de forma individual, por turma ou grupo. (E4, E6, E16);
Quando encerra o ano, ali por novembro, a gente já pensa o acolhimento do ano que vem. (E6) [...] a gente nunca desautoriza um professor para um aluno. Nunca! Já conversou com o professor? [...] Não, eu tenho vergonha. Então eu vou chamar e eu vou agendar, aí tu vai lá e conversa com ele. [...] depois a gente pergunta: Professor, o que achou, o que aconteceu? O que a gente pode fazer? É tudo uma troca! (E7)	-Mediação de atendimento entre estudante e docente. (E4, E7);
[...] mas quando não ocorre aprendizagem, nós temos criado várias planilhas de monitoramento e ali a gente vai colocando se foi atendido, para a gente não ter também atendimento duplo pela CAE. A gente trabalha bem em sintonia com a CAE. Acho que a gente avançou bastante nessa questão da Equipe Multidisciplinar [...]. (E12)	-Atividades de acolhimento de início de ano. (E6);
Essa Equipe Apoio, ela é uma equipe que a gente informalmente compôs com assistência estudantil e nós do pedagógico. E aí, tivemos também o pessoal da CAPNE (<i>Coordenação de Apoio a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas</i>) e da CAA (<i>Coordenação de Ações Afirmativas</i>) que se integrou a essa equipe. [...] Então os professores encaminham [...]. (E15)	-Estruturação de instrumentos para acompanhamento compartilhado (planilhas, questionários). (E4, E12, E16).
[...] nós qualificamos o Conselho de Classe esse ano fazendo questionários individuais para os alunos, além daquele roteiro que o professor conselheiro aplicava em sala, [...] porque muitos não se sentiam contemplados naquele instrumento [...] nós pudemos identificar questões bem específicas, porque cada aluno é importante [...] às vezes não é uma demanda da turma, mas é daquele estudante em particular que, por alguma questão, não se sentiu ouvido. (E16)	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

Observa-se que as atividades voltadas diretamente para os estudantes focam em determinados aspectos, desde a gestão do tempo e formas de organização de estudo até o desenvolvimento de um canal de escuta individual.

Depreende-se das narrativas que o objetivo principal dessas atividades iniciais é auxiliar os discentes em sua organização, em uma perspectiva de trocas ativas com o ambiente escolar, reconhecendo-o como um local de aprendizagens e contribuindo para o desenvolvimento de atitudes e hábitos de estudo mais apropriados a cada estudante. Isso inclui oferecer orientação sobre como

²As entrevistas foram identificadas pela letra E, seguida de numeração de 1 a 16, escolhida de forma aleatória para preservar a identidade dos participantes.

³ As narrativas apresentadas neste artigo são transcrições fiéis das falas dos participantes, visando manter a integridade e autenticidade de seus relatos.

estudar, como se planejar e como frequentar as monitorias disponíveis. Além disso, o acolhimento dos ingressantes e o trabalho colaborativo com os estudantes são apontados como aspectos positivos para a construção de um ambiente de aprendizado mais inclusivo e receptivo.

Em algumas narrativas, a palavra mediação é utilizada para caracterizar a forma de interação do setor com os estudantes e a aprendizagem. Essa utilização sugere uma proximidade de sentido com a perspectiva de Vygotsky, conforme discutido por Oliveira (2010, p. 27):

Vygotsky trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada. As funções psicológicas superiores apresentam uma estrutura tal que entre o homem e o mundo real existem mediadores, ferramentas auxiliares da atividade humana.

As atividades mais relevantes e frequentes, realizadas em contato direto com os estudantes, incluem apoio ao estudo, atendimento e suporte, acompanhamento pedagógico, integração e acolhimento e são detalhadas abaixo:

- Oficinas sobre gestão do tempo e organização dos estudos;
- Elaboração de instrumentos para acompanhamento compartilhado (ex.: planilhas);
- Equipe de apoio e multidisciplinar para atendimento individualizado e de turmas;
- Mediação entre estudante e docente (intervenções, agendamentos, conversas);
- Acompanhamentos decorrentes dos Conselhos de Classe;
- Questionário preparatório ao pré-conselho (análise e encaminhamentos);
- Intervenções em reuniões pedagógicas;
- Atividades de acolhimento de início de ano;
- Recepção de novas turmas.

Moreira (2021) define a interação social como o intercâmbio de informações entre duas ou mais pessoas, caracterizada pela reciprocidade e bidirecionalidade. Essa interação pressupõe a participação ativa de todos os envolvidos, cada um contribuindo com sua experiência e conhecimento. “A interação social é, portanto, na perspectiva vygotskiana, o veículo fundamental para a transmissão dinâmica (de inter para intrapessoal) do conhecimento social, histórico e culturalmente construído” (Moreira, 2021, p.112). Logo, em todos esses processos, compreendemos que o setor interage com os estudantes respeitando suas individualidades e considerando-os em todas as suas dimensões.

No Quadro 3, apresentamos uma continuidade das práticas, com ênfase em um trabalho classificado pelos próprios participantes como práticas indiretas:

Quadro 3 – Práticas de mediação às aprendizagens (indiretas)

Narrativas	Unidades de significado
<p>[...] estratégias de trabalho com os Conselhos de Classe e a importância deste como um espaço de discussão e acompanhamento dos alunos, além da realização de formações para os professores. (E3)</p> <p>A gente auxilia na participação dos Conselhos de Classe, na orientação e acompanhamento e conversa com as famílias, nas reuniões de pais. (E8)</p> <p>Então a gente faz os nossos Conselhos e depois [...] começa a dar os encaminhamentos com os docentes e com os discentes, com as famílias. (E4)</p> <p>Nós recebemos mais essas demandas no Conselho de Classe, que é o nosso momento mais importante [...] Eu vejo que esse é o principal momento que chegam as demandas, e nessa oportunidade os alunos têm como elencar: “olha, a metodologia, precisamos de mais provas, menos provas [...]”. Então a gente tenta administrar isso, fazer um cronograma, um calendário, conversar com os professores [...]. Então orientamos o professor. Chamamos o professor para ofertar uma recuperação paralela, uma aula extra, um atendimento individualizado também. Chamamos os alunos: se você tem dúvida, você pode conversar com o professor, esse aqui é horário individual [...]. (E14)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conselhos de Classe como um espaço importante de formação, de discussão e acompanhamento dos estudantes. (E3, E8, E4, E14, E16); - Estratégias de trabalho com os Conselhos de Classe, participação e encaminhamentos. (E3, E4, E8, E14); - Mediação e

<p>[...] Então, a gente se envolve bastante com essa questão dos Projetos Pedagógicos, reestruturação e tudo mais. (E4)</p> <p>Esse questionário que eu te falei, os docentes também preenchem. E nesse questionário tem uma pergunta que é uma autoavaliação do trabalho do professor com a turma. (E4)</p> <p>A gente sempre costuma seguir aquilo ali estabelecido. E para a aprendizagem dos alunos também, principalmente a recuperação paralela: oportunizar, chamar o aluno, verificar o que está acontecendo, indicar para o professor. (E5)</p> <p>Durante o ano a gente convoca algumas famílias de alguns casos. (E6)</p> <p>[...] fazer uma orientação, por exemplo: um professor que está com dificuldade na metodologia, eu consigo fazer um trabalho diferente. Consigo auxiliar ele [...]. (E7)</p> <p>Eu acho bem gratificante quando a gente consegue dar uma sugestão, alguma coisa que o professor sai daqui e diz assim: "Ah isso mesmo, que legal, obrigado! Não tinha pensado nisso!" (E13)</p> <p>Mas durante o ano também tem a questão do encaminhamento, quando o professor percebe qualquer situação de desmotivação ou de dificuldade, tem essa troca com o nosso setor e a gente vai fazendo essa mediação, algumas reuniões junto com professores, outras vezes sozinha, encaminhando para monitoria, para os núcleos, conforme a necessidade. (E9)</p> <p>Então, desde o início do ano, nas reuniões pedagógicas, da mesma forma com a recepção das turmas novas, nós fizemos intervenções [...] e isso é ao longo de todo o percurso. (E16)</p> <p>[...] alguns pais vêm nos procurar, mães de estudantes, querendo saber o que está acontecendo com fulano, porque ele tá muito quieto em casa. (E10)</p> <p>[...] eu faço mil quilômetros por dia dentro do <i>campus</i> e é essa relação com os professores, que depois respinga nos alunos. [...] Então, chegar de manhã, circular nas salas, ver se estão todos os professores, fazer essa conversa. (E12)</p> <p>Tudo isso a gente faz, a gente recebe os pais, encaminha, entrega boletim, faz assinar, conversa quando precisa, às vezes conversas bem direcionadas. (E14)</p> <p>Uma outra atribuição que a gente recebe aqui, por exemplo, é receber e arquivar os planos de ensino. Eu acabo verificando se lá consta horário de atendimento do professor. Então se não consta, a gente chama o professor e pede para inserir, para que fique visível para o aluno que tem dificuldade, que saiba quando procurar. Então é uma ação, é uma prática pedagógica que nós proporcionamos entre o professor e aluno, mas que não é uma prática tão direta. [...] Nós lemos a metodologia do professor nos planos de ensino, nós olhamos se o professor prevê momentos diferenciados, distintos de avaliação durante todo o percurso, e instrumentos diferentes. E se não está previsto isso no plano de ensino, a gente chama o professor e pede para ele rever a metodologia. Esse também é um trabalho bem significativo. Eu vejo que talvez de uma forma indireta, mas isso tem impacto direto nos alunos. O aluno ter oportunidade de ser avaliado de diferentes formas, em diferentes momentos. (E14)</p> <p>[...] nós trabalhamos muito ligado às Coordenações de curso, à Coordenação Geral do Ensino e Direção do Ensino, em toda essa organização mais pedagógica mesmo. [...] Nós fizemos toda a organização do pré-conselho, do conselho intermediário, do pós-conselho, nas devolutivas para os alunos. Então, isso faz com que a gente faça esse acompanhamento, tanto de alunos quanto de docentes, ao longo de todo o ano também. [...]. (E16)</p>	orientação aos docentes, referente às suas práticas, metodologias. (E4, E7, E13, E14); - Mediação entre estudantes e docentes. (E12, E14); - Encaminhamentos junto às famílias. (E4, E8, E6, E10, E14); - Projeto Pedagógico de Curso: acompanhamento da elaboração, ajustes, reestruturação. (E4); - Autoavaliação docente. (E4); - Relação próxima e dialógica com docentes. (E12) - Acompanhamento, e orientação quanto à oferta de recuperação paralela (E5, E14); - Zelo pelo cumprimento da legislação educacional (E5, E12); - Encaminhamentos para monitorias, para núcleos inclusivos e outros, conforme necessidade apontada pelos docentes. (E9); - Revisão e assessoramento referente aos Planos de Ensino (elaboração, requisitos legais e pedagógicos). (E14); - Intervenções em reuniões pedagógicas, recepção das turmas novas. (E16).
---	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

As atividades de mediação desenvolvidas pelo SAP de forma indireta, podem ser organizadas em torno de três eixos ou em três momentos específicos:

a) Orientação e acompanhamento do trabalho docente: essas atividades são consideradas como essenciais para garantir a aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, são pensadas ações, como por exemplo: orientação e acolhimento a docentes (especialmente os novos), envolvendo discussão sobre práticas pedagógicas, metodologias de ensino, estrutura e funcionamento do Instituto Federal, auxílio na organização dos horários para atendimento individualizado ao estudante e oferta da recuperação paralela, acompanhamento da elaboração e execução dos Planos de Ensino e dos Projetos Pedagógicos de Curso. O Setor de Assessoria Pedagógica atua como mediador, buscando administrar conflitos e encontrar soluções para as demandas apresentadas, e isso inclui

comunicação entre estudantes e professores, auxiliar nos encaminhamentos para monitorias, para núcleos inclusivos e outros. A participação do setor em reuniões pedagógicas e o trabalho direcionado para a autoavaliação do trabalho docente, também é elencado como uma ação que visa contribuir para a aprendizagem dos estudantes. Essas práticas demonstram a importância dada ao acompanhamento e suporte aos docentes e ao Instituto de modo geral, como forma de contribuir para a melhoria das práticas e, por consequência, das aprendizagens.

b) Os Conselhos de Classe como um espaço importante de formação, de discussão e acompanhamento das aprendizagens: Os conselhos são vistos pelos participantes como um dos principais momentos para debater questões fundamentais relacionadas ao ensino e à aprendizagem e, também, para compartilhar demandas e analisar questões relevantes para os estudantes. O SAP auxilia e participa dos três momentos (Pré-conselho, Conselho e Pós-conselho), desenvolvendo estratégias, como por exemplo, a elaboração e aplicação de questionário individualizado para que os estudantes possam expressar suas opiniões e demandas, oferecendo orientação e acompanhamento e, após os Conselhos, são feitos encaminhamentos para docentes, discentes e famílias, visando implementar as decisões tomadas.

c) Comunicação com as famílias: As reuniões de pais complementam o processo de ensino e aprendizagem e são atividades estruturadas com a participação do SAP, que também auxilia nos encaminhamentos junto às famílias, no contato direto, na entrega de resultados e pareceres, promovendo apoio na comunicação, especialmente em situações que exigem um acompanhamento mais próximo do estudante.

A orientação e o acompanhamento do trabalho docente são essenciais para promover a reflexão crítica sobre a prática pedagógica. Nessa ação eminentemente reflexiva, é importante a observação da interação de todos os elementos que nela intervém – as intenções, as previsões, as expectativas e a avaliação dos resultados. Essa abordagem implica conceber a prática como um processo contínuo e reflexivo, que abrange planejamento, aplicação e avaliação (Franco, 2015; Freire, 1996; Zabala, 1998).

Moreira (2021, p.107), ao discorrer sobre a teoria de Vygotsky, explica que “o desenvolvimento cognitivo é a conversão de relações sociais em funções mentais”. Pode-se dizer que os processos mentais superiores são uma decorrência da socialização dos indivíduos, num determinado tempo, espaço e permeados pela cultura. Logo, atribuímos significado, interpretamos, compreendemos e processamos informações que antes estão presentes na sociedade, e decorrem de processos sociais, históricos e culturais desenvolvidos pela humanidade.

Para Pino (2005, p.66-67), o desenvolvimento humano passa necessariamente, pelo Outro, em um processo de conversão da significação das relações sociais, na qual as ações de cada um desencadeiam as ações dos outros. Nessa perspectiva, baseada em Vygotsky, as funções superiores constitutivas da pessoa foram antes relações sociais. O autor conclui dizendo que o acesso à significação dos objetos culturais ocorre por intermédio da mediação do outro.

Portanto, as interações mediadas pelo SAP, que incluem orientações, discussões e reflexões, promovem a interação e a socialização de saberes, o compartilhamento de responsabilidades e o desenvolvimento de novas aprendizagens, reforçando a relevância das práticas do setor.

Categoria 2: Concepções de aprendizagem

Aprendizagem e Ensino Médio Integrado são conceitos amplos, complexos, e envolvem diferentes concepções de educação, de sociedade e indivíduo. Nessa perspectiva, são fundamentais para entendermos as práticas desenvolvidas pelos profissionais que trabalham com a educação e, em especial, no âmbito de nosso local de pesquisa, o Setor de Assessoria Pedagógica. Para isso, inicialmente, nos propomos a buscar nas narrativas dos participantes, descritas no Quadro 4, os sentidos de aprendizagem.

Quadro 4 – Concepções sobre aprendizagem

Narrativas sobre aprendizagem	Unidades de significado
<p>Então, aprendizagem é um processo, e ela depende de vários fatores, que não só o momento que o aluno tá em sala de aula. (E3)</p> <p>[...] aprendizagem como algo contínuo, um processo que exige esforço, que exige querer, e que é mediado e orientado pelo professor em sala de aula. Mas eu vejo sempre o aluno como uma peça ativa no processo. (E4)</p> <p>Então, eu vejo que aprendizagem é isso. Também resgatar a questão do professor. Depois que o professor passou a ser facilitador... Mas ele tem facilitado que acesso à informação? Temos uma série de dificuldade de transformar isso em aprendizado. [...] Então aprendizagem é criar referências, e tu minimamente saber, mas se tu não lembra de tudo, tu pensa um pouco, “não, mas para aí um pouquinho, eu vi isso”, e começa a verificar... “não, aqui tá, ah lembrei”. Tá, então tu aprendeu. Não vai saber tudo, mas tu criou ligações, então tu aprendeu. Não tá na ponta da língua, mas tu aprendeu, diferente de ter acesso a informações. (E5)</p> <p>[...] quando eu encontro sentido e consigo usar no dia a dia, aí eu penso que aconteceu uma aprendizagem. (E9)</p> <p>Então eu tenho para mim que é isso, em sala de aula, tu tem que fazer uma aula dialogada. [...] Ninguém aprende só ouvindo o professor falar. [...] tem algumas coisas que podem ser mais automáticas [...]. Mas tem outras coisas que não precisam ser automáticas, elas podem ser pensadas conforme a experiência do sujeito [...]. (E10)</p> <p>[...] não é uma nota que define a aprendizagem, é um processo, é algo constante, é uma construção. E o ensino integrado já supõe isso, o aluno aprender a teoria na sala de aula, depois ir lá fora, pegar o tijolo, fazer a massa, construir, mostrar que aprendeu. São discussões, diálogos, é um processo aberto, não é algo assim fechado. [...]. (E14)</p> <p>Aprendizagem, antes de mais nada é uma relação afetiva. [...] porque eu só tenho interesse, por algo que eu tenho uma conexão. Muitas coisas a gente precisa aprender porque tá na matriz curricular, faz parte, mas isso se reflete então na relação que eu tenho com os professores. [...] E aprendizagem é um vínculo de afeto. [...] E aí entra Paulo Freire. Aquilo faz parte do meu mundo, é do meu interesse, a minha leitura de mundo tem uma relação com isso já. [...] Eu vejo a aprendizagem assim, e acho que a gente tá bastante carente de priorizar esses vínculos. E um dos reflexos é não ocorrer essa aprendizagem. (E15)</p> <p>Mas a aprendizagem é um processo lento, não é fácil, tem que se considerar vários estilos de aprendizagem. Por isso que a gente insiste que a metodologia não pode ser única. Tem que ser variada. (E16)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão de aprendizagem como um processo contínuo, dialógico, mediado e orientado pelo professor. (E3, E4, E10); - Estudante é parte ativa no processo. (E4); - Aprendizagem diferente de acesso à informação. (E5); - Aprendizagem é criar referências, relações entre conteúdos e com o seu contexto, sua experiência, ter sentido. (E5, E9, E10, E15); - Aprendizagem como processo constante, construção de conhecimento, relação entre teoria e prática. (E14); - Aprendizagem decorrente de uma relação de afeto, com quem ensina ou com o que é ensinado. Aprendizagem é um vínculo de afeto. (E15).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

O entendimento de aprendizagem é expresso de maneiras distintas. No entanto, alguns pontos em comum emergem das respostas, evidenciando a riqueza desse processo e sua relação com os autores que fundamentam esta pesquisa.

Para alguns participantes, a aprendizagem é vista como um processo contínuo, dialógico e mediado, no qual o professor desempenha um papel fundamental como mediador e orientador (E3; E4; E10). Essa perspectiva destaca a ideia de que aprender não se limita a um momento específico, mas ocorre ao longo da vida, por meio da interação entre indivíduos e o conhecimento. Oliveira (2010, p.40), ao discorrer sobre o pensamento de Vygotsky, explica que o desenvolvimento psicológico humano é um processo social e cultural. Com isso, aprendemos a pensar e agir através das nossas interações com os outros e através da mediação da cultura. A linguagem, nesse processo, desempenha um papel crucial, permitindo a comunicação e a construção de significados compartilhados.

De acordo com Moreira (2021), na ótica de Vygotsky, para que ocorra ensino, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, faz-se imprescindível a interação social e o intercâmbio de significados, dentro da zona de desenvolvimento proximal. Segundo o autor, “Interação e intercâmbio implicam, necessariamente, que todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem

devam falar e tenham oportunidade de falar" (Moreira, 2021, p.121). Esse entendimento é possível de ser observado, quanto E10 diz que "Então eu tenho para mim que é isso, em sala de aula, tu tem que fazer uma aula dialogada". Posicionamento que vem ao encontro do que Freire (1996, p. 96) postula, ao dizer que "O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve".

Outro aspecto relevante é a diferenciação entre aprendizagem e o simples acesso à informação (E5). Além disso, as entrevistas enfatizam que a aprendizagem ocorre quando se constroem referências e se estabelecem relações entre os conteúdos estudados e a experiência pessoal de cada indivíduo (E5; E9; E10; E15).

A construção do conhecimento, conforme evidenciado nas narrativas dos participantes (E14), é um processo contínuo que se concretiza na relação intrínseca entre teoria e prática. Ou seja, o aprendizado efetivo transcende a mera assimilação teórica, demandando aplicação e experimentação para consolidar e expandir o saber. Essa perspectiva encontra referência na visão de Ramos (2016, p. 67), que, em sua abordagem histórico-crítica, destaca que a apreensão do mundo pelos indivíduos abrange tanto o conhecimento das propriedades do mundo real – físico e social – quanto a compreensão dos processos históricos de representação, valorização e conceituação desse mundo.

Por fim, em uma das entrevistas destaca-se a dimensão afetiva da aprendizagem, onde afirma-se que ela resulta de uma relação de afeto, seja com quem ensina, seja com o próprio conteúdo aprendido (E15). Ressaltando a importância do vínculo emocional para que a aprendizagem ocorra. Ou seja, nas palavras de Freire (1996, p. 159), "Ensinar exige querer bem aos educandos".

Em síntese, depreende-se das entrevistas a compreensão de aprendizagem como um processo contínuo que vai além do simples acesso à informação e que se opõe à ideia de transmissão de conhecimento, envolvendo interação, construção de sentido, aplicação prática e conexão afetiva, no qual o indivíduo desenvolve o entendimento do mundo a partir da interação com os outros e com a cultura. Constituindo-se em elementos essenciais para o desenvolvimento cognitivo. Essa visão encontra respaldo na perspectiva de Vygotsky, que enfatiza o papel fundamental da interação social na construção do conhecimento e a mediação, que é o papel de um adulto ou colega mais experiente, em auxiliar a superar desafios e internalizar novos conceitos.

Como destaca Moreira (2021, p. 113), "[...] para internalizar signos, o ser humano tem que captar os significados já compartilhados socialmente, ou seja, tem que passar a compartilhar significados já aceitos no contexto social em que se encontra, ou já construídos social, histórica e culturalmente". Nesse sentido, a interação social se configura como um espaço privilegiado para a apropriação de significados, permitindo que o indivíduo compreenda e compartilhe os conhecimentos construídos coletivamente.

Categoria 3: Concepções de Ensino Médio Integrado

Os sentidos de Ensino Médio Integrado, que é o nível e modalidade delimitada para a pesquisa, encontram-se expressos nas narrativas e nas unidades de significados do Quadro 5.

Quadro 5 – Concepções sobre Ensino Médio Integrado

Narrativas sobre Ensino Médio Integrado	Unidades de significado
[...] é o que falamos para os alunos, a gente não quer que vocês sejam técnicos apenas. Vocês precisam ser pessoas que entendem seu papel na sociedade, que entendem seus direitos e seus deveres enquanto cidadãos. Vocês estão aqui no processo de construção para que, lá no mundo do trabalho, não sejam pessoas preconceituosas, pessoas que não saibam trabalhar em equipe. [...] Todos são responsáveis por essa formação integral. (E4) Então a formação integrada é isso: onde que cada disciplina tá colaborando com uma	- Ensino médio integrado como sinônimo de formação integral, formação para cidadania, para o mundo do trabalho,

outra. [...] Nós trabalhamos na formação profissional, ponto. Ah, porque o sistema capitalista selvagem, excludente, não sei... Não, isso é outra discussão. Formação profissional, simples assim! As outras coisas são outras coisas, não vamos salvar o mundo, nós temos que nos preocupar com essa formação integral e formação profissional. (E5) [...] eu vejo que esse currículo integrado, ele é importante quando o aluno entende a coisa contextualizada, na prática. Então a gente tem ali as áreas de integração nas próprias ementas, então por exemplo a professora de português tá dando aula para o curso de manutenção e suporte em informática, ele vai direcionar os exemplos, vai fazer trabalhos em conjunto na PPI (*Prática Profissional Integrada*), [...]. E eu vejo que isso dá muita diferença na aprendizagem. (E7)

[...] no ensino integrado a gente consegue olhar ele como um todo. Bom, esse estudante ele está com um problema financeiro, a gente vai ver o que a gente consegue organizar de auxílios e tal, é uma questão psicológica, é uma questão mais de organização, é uma questão de aprendizagem propriamente dita, [...], que tudo acaba interferindo na vida do estudante [...]. (E9)

[...] eu percebo que a gente perdeu um pouco o significado do integrado. Então para muitas pessoas o integrado é integral, é estar todo dia na instituição. [...] Integrado para mim é conseguir, no currículo que tem disciplinas básicas, técnicas e politécnicas, [...] que a gente consiga fazer com que isso se converse, no objetivo final da formação do estudante x, pro cargo tal. [...] com o objetivo de formar uma criaturinha técnica em informática atenta a situações do mundo. (E10)

A formação integrada é a que dá condições para que o aluno possa, ao se formar no ensino médio, optar entre avançar nos estudos ou ingressar no mercado de trabalho. (E11) Quando acontece esse ensino, pesquisa e extensão, dentro dos princípios de cidadania, de sustentabilidade, isso daí é o ensino médio integrado em termos de didática. Tem toda a concepção de visão de mundo, tudo [...] Então se a gente trabalhar o princípio educativo do trabalho que é todas as dimensões de sociedade, todas as dimensões para qual a gente educa, e a sua inserção no mundo do trabalho, e o princípio educativo da pesquisa, [...] aí é ensino médio integrado. [...] Então a gente tem que ter uma forte base geral, para que ele tenha o conhecimento e depois ele escolha o que ele quiser, [...] E eu acho que é isso o ensino médio integrado. E essas relações [...]. (E12)

A formação contextualizada, você vai trazer o conteúdo para sala, vai contextualizar, que relação faz isso, o que muda na tua vida se tu souber isso, ou onde é que tu vai aplicar... Essas relações também ajudam a fazer a questão do currículo integrado. (E13) Por isso que nós somos uma instituição com o ensino de qualidade, diferenciada, porque nós prezamos por uma educação voltada para vários aspectos, o ser humano como um todo, como um cidadão crítico, consciente, atuando também, não só pensando no mercado de trabalho, mas também. (E14)

Eu penso assim, na prática nós deveríamos partir de um planejamento integrado. [...] São conhecimentos que se cruzam e eles não precisam ir juntos do início ao final do ano letivo. [...] a Geografia ela pode conversar com a Sociologia num determinado momento, ela vai conversar com a Biologia, em outro momento, ela vai conversar com outras áreas, [...]. Isso é dinâmico. E o currículo integrado, ele é tratado de maneira estática e compartimentada ainda, num modelo cartesiano. Então, ele não é integrado, porque esse movimento era para ser feito o ano inteiro. E tá lá bonitinho nos documentos da instituição, mas na prática não funciona [...]. (E15)

Foi com muito tempo, muita leitura, ouvindo pessoas de outros lugares que trabalhavam há mais tempo, que eu entendi que a formação integral é para além do ensino das disciplinas que constam no currículo, é uma formação que visa formar o cidadão, [...] por isso que nós temos uma instituição que tem núcleos inclusivos, que tem vários setores que atuam e dão esse atendimento para o estudante de forma integral. (E16)

atenta a situações do mundo (E4, E10, E12, E16);

- A formação integral como responsabilidade de todos. (E4);
- Formação integrada: integração das disciplinas. (E5, E7);
- EMI: foco na formação profissional. (E5);
- Formação contextualizada, relação com a prática, que impacta positivamente na aprendizagem. (E7, E13);
- EMI: estudante é visto como um todo. (E9);
- Perda do significado do integrado para uma visão de integral (dia todo na instituição). (E10);
- EMI: formação para continuidade dos estudos ou mercado de trabalho (E11);
- EMI: Quando acontece esse ensino, pesquisa e extensão, dentro dos princípios de cidadania, de sustentabilidade (E12);
- Formação voltada para vários aspectos, o ser humano como um todo, como um cidadão crítico, consciente. (E14);
- Necessário planejamento integrado. (E15);
- E o currículo integrado, ele é tratado de maneira estática e compartimentada ainda, num modelo cartesiano. Então, ele não é integrado. (E15).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

Das narrativas emergem os significados de Ensino Médio Integrado (EMI), percebido como uma proposta de formação integrada que busca superar a mera transmissão de conteúdos, almejando uma formação que alie a preparação para profissões técnicas com uma formação geral ampla, contextualizada, voltada para os vários aspectos da vida, o ser humano como um todo, como um

cidão crítico, consciente (E9; E14; E15). Nessa abordagem humanizadora há o reconhecimento da singularidade de cada indivíduo, considerando suas necessidades e potencialidades. Além disso, uma formação integrada exige um olhar ampliado sobre os estudantes, compreendendo-os como sujeitos sociais em formação e não apenas como futuros profissionais. Isso significa considerar suas necessidades individuais e coletivas, seus desafios econômicos, emocionais e acadêmicos, garantindo apoio para que possam concluir sua formação com qualidade e perspectivas de futuro (E9). Esse olhar ampliado exige o compromisso de toda a comunidade escolar, já que a formação integral não é responsabilidade exclusiva dos professores, mas de todos os agentes envolvidos (E4). Essas narrativas convergem para o que Pacheco (2011, p.15), afirma em relação à proposta dos Institutos Federais: “[...] uma formação contextualizada, banhada de conhecimentos, princípios e valores que potencializam a ação humana na busca de caminhos de vida mais dignos”.

A concepção do EMI como sinônimo de formação integral, cidadania e preparação para o mundo do trabalho é um ponto central, ressaltado pelos entrevistados (E4; E10; E12; E16). Essa visão holística pressupõe uma educação que abarque todas as dimensões do ser humano, preparando-o para os desafios da vida em sociedade, ou seja, uma visão de formação humana em sua totalidade, integrando trabalho, ciência e cultura (Ramos, 2010). Complementada por uma formação contextualizada e relacionada à prática, o que impacta positivamente na aprendizagem (E7; E13). Isso implica, ainda segundo Ramos (2010, p. 48), em “retirar o foco do projeto educacional do mercado de trabalho, seja ele estável ou instável, e colocá-lo sobre os sujeitos”.

A compreensão de EMI como a integração entre ensino, pesquisa e extensão, pautada nos princípios de cidadania e sustentabilidade, é outro aspecto relevante. Essa concepção, unida ao “princípio educativo do trabalho e ao princípio educativo da pesquisa” (E12), evidencia um compromisso com as bases conceituais que fundamentam a proposta dos Institutos Federais.

Ciavatta (2014b, p. 198) define o trabalho como princípio educativo, com o sentido de “[...] superar a dicotomia trabalho manual-trabalho intelectual, incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo e formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos”. Para Frigotto (2001), esse princípio deriva da especificidade própria do trabalho, de ser uma atividade necessária, desde sempre, para todos os seres humanos. Segundo o autor, o trabalho é concebido como elemento criador da vida humana, constituindo-se como um dever de ser aprendido e socializado, e um direito que possibilita recriar e reproduzir permanentemente a existência humana. Então, “[...]Impedir o direito ao trabalho, mesmo em sua forma de trabalho alienado sob o capitalismo, é uma violência contra a possibilidade de produzir minimamente a vida própria e, quando é o caso, dos filhos” (Frigotto, 2001, p.74).

Outras três concepções de EMI e de formação integrada, apresentam-se relacionadas à ideia de integração das disciplinas (E5; E7), à visão de EMI como preparação para a continuidade dos estudos ou para o mercado de trabalho (E11) e a sua finalidade voltada para a formação profissional, como preparação para o exercício de profissões técnicas. Esses entendimentos, sem dúvida, exigem uma formação abrangente, mas em uma perspectiva que remete ao sentido anterior à proposta dos Institutos Federais, que difere da perspectiva emancipatória e omnilateral trazida por Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012). Na primeira abordagem, a formação integrada está relacionada às relações e conexões entre os conteúdos trabalhados pelos componentes curriculares, remetendo a uma visão de ensino interdisciplinar, e à busca da superação da fragmentação do conhecimento por meio dele. Nas outras duas, encontram-se elementos que remetem “à dualidade histórica que marca nosso ensino” (Ramos, 2010, p.43), e que esteve presente ao longo da oferta da Educação Profissional e Tecnológica de nosso país, com o objetivo de atender ao mercado e a visão da formação profissional sem o necessário vínculo com a “[...] prática social por meio das dimensões fundamentais da vida: o trabalho, a ciência e a cultura (Ramos, 2010, p.43). Nesse aspecto, observa-se a análise trazida por Frigotto (2021), de que o ensino médio é palco de intensos debates, dada a sua importância na transição para a vida adulta e na preparação para a cidadania e o mundo do

trabalho. A questão central, segundo ele, reside em definir se a formação oferecida aos jovens visa prepará-los de forma integral para a sociedade, capacitando-os a pensar criticamente, ou se a educação se submete aos interesses de exploração do trabalho, moldando os estudantes exclusivamente para o mercado de trabalho. O autor destaca que essas problemáticas exigem atenção e reflexão por parte de todos. Ciavatta (2014a, p.51) também faz um alerta, no sentido que:

[...] à medida que a escola se prepara para atender às exigências da produção capitalista, ela assume também as exigências da ordem social desenvolvida nos processos de trabalho, tais como disciplina, exatidão, submissão física, técnica e moral, cumprimento estrito dos deveres, pontualidade, contenção corporal, afetiva e etc., tudo isso com o intuito de aumentar a produtividade da mão de obra, reduzir os custos da produção e obter maior lucratividade nos negócios.

As falas dos participantes demostram que o Ensino Médio Integrado, apesar de seus ideais, enfrenta desafios significativos na prática. A visão de integração, por vezes, se reduz a uma mera questão de tempo de permanência na instituição (E10), em vez de promover uma articulação efetiva entre as áreas do conhecimento e os diferentes saberes, de forma contextualizada. Além disso, a formação integral do estudante, como cidadão crítico e consciente (E14), nem sempre se concretiza. A fragmentação do currículo, a persistência de um modelo cartesiano e a falta de um planejamento integrado (E15) são apontados como obstáculos para a efetivação dos princípios que norteiam a criação dos Institutos Federais, como a relação com o mundo do trabalho e a pesquisa.

Ciavatta (2014a, p.62) ao abordar a questão do ensino integrado, destaca que, um ponto fundamental para que ocorra a integração, são os gestores. E aí, estendemos esse entendimento para todas as esferas e instâncias de poder. Segundo ela, “Se os gestores não fazem reuniões, não têm orientações e diretrizes quanto à integração, se não há integração de pessoas não é possível fazer qualquer integração no ensino”.

Portanto, o Ensino Médio Integrado, é uma “proposta político-pedagógica” (Pacheco, 2011, p.14) complexa e desafiadora, que exige um compromisso coletivo e um planejamento cuidadoso para sua efetivação. A implementação desse ideal revela uma complexidade que oscila entre a teoria e a prática, como evidenciado por E15, onde destaca a existência de uma teoria bem fundamentada e expressa de forma clara em documentos institucionais, mas com limitações de sua efetividade na prática de trabalho. A superação dos desafios e a concretização dos ideais do EMI dependem de um esforço contínuo de reflexão, diálogo, estudo e ação por parte de todos os envolvidos.

Categoria 4: A percepção dos profissionais sobre suas práticas

A presente análise explora a percepção dos profissionais do SAP sobre seu papel na instituição, abrangendo suas atribuições, práticas, desafios, estratégias e relação com a gestão institucional, como se observa no Quadro 6.

Quadro 6 – Percepção dos profissionais sobre suas práticas

Narrativas	Unidades de significado
<p>Eu entendo que nós somos um setor que trabalha com o pedagógico. [...]. Que deveria fazer esses processos acontecerem! O nosso papel ali é fundamental. É o que ainda não se conseguiu chegar.[...] Que seria essa assessoria mesmo, visando a questão metodológica, visando essa aprendizagem do aluno. [...] E tem que ir além do burocrático. Agora, o que nem sempre na prática a gente consegue fazer. (E3)</p> <p>[...] eu acho que o Setor da Assessoria Pedagógica, ele tem um papel colaborativo com a Coordenação de curso, com a gestão do ensino, CGE e Direção. (E4)</p> <p>Mas eu penso que também esse olhar para o setor, ele vai muito de gestão também. O quanto a gestão entende esse processo do SAP, e apoia. Ou quanto, talvez, entenda como burocrático. [...] Então, eu vejo que isso também é fundamental: esse apoio que a gestão do <i>campus</i> dá ao setor pedagógico. (E3)</p> <p>[...] a formação com os docentes, a gente falha um pouco, por vários motivos. Ou é porque não tem uma preocupação da gestão mesmo, que isso seja feito, ou porque a</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Setor que trabalha com o pedagógico e que deveria fazer esses processos acontecerem. (E3, E4, E12, E16); - Papel fundamental, setor de referência.(E3, E4, E8, E14); - Atividades burocráticas: necessárias, mas não podem limitar ações práticas, de estudo, e junto aos estudantes, docentes e famílias. (E3, E12, E14),

gente tem resistência dos professores [...]. No fim, até a gente acaba não fazendo para não se incomodar, o que é muito feio e muito triste dizer. [...] Eles sentem isso como um processo de fiscalização sabe, e não de auxílio e não de melhoria, de qualificar o trabalho. (E10)

Temos um setor que tem que ser encarado como acolhimento das demandas tanto dos discentes como dos docentes. A gente colabora muito para permanência e êxito dos alunos. Tendo o papel fundamental de acompanhar as aprendizagens e de propor mudanças [...]. (E4)

[...] a gente deve se deter nessas questões metodológicas, nessas questões de avaliação, nessas questões de mediação entre aluno e professor, nessa questão da organização, de ouvir, de criar um espaço de escuta com os docentes sobre a turma, com os alunos. É essa a natureza da nossa atividade enquanto Setor da Assessoria Pedagógica. [...] E lógico, que nessa questão dos PPCs também, a gente é fundamental. (E4)

E o nosso papel seria isso: buscar referências, entender o perfil de uma turma, conversar com o professor, identificar essas questões. (E5)

[...] a gente está sempre nesse movimento de estudar, de participar de pesquisa, enfim, sempre tendo projetos. (E8)

O setor nosso não trabalha sozinho! [...] Já foi mais intenso, mas a gente continua trabalhando em rede com os outros setores: assistência estudantil, saúde, os núcleos da inclusão, os outros núcleos. (E8)

Então, é um setor muito acolhedor sempre, tanto aos alunos, e também aos docentes, aos outros servidores [...]. É um setor de referência, é o coração da instituição. (E8)

[...] a gente aos pouquinhos foi entrando nos cursos, nos aproximando das coordenações, para pensar nas ações, estratégias com os estudantes. Começamos a fazer levantamento de evasão, de reprovação, e pensar em cada curso, como é que a gente vai trabalhar isso. (E6)

Então quem tá ou deixa de estar (*quanto à gestão*), a gente vai cobrar que nos defenda, que a porta esteja aberta para a gente fazer reunião, que a gente consiga ter um diálogo interessante. (E6)

O nosso trabalho está muito ligado também a Direção de Ensino e Coordenação Geral de Ensino. A gente faz esse planejamento muito junto com eles, que começa desde o acolhimento dos estudantes. (E9)

[...] no dia a dia, o que surgir de questões de estudantes, seja atendimento domiciliar, atestado médico, problemas de aprendizagem, a gente acaba se envolvendo com tudo, inclusive o planejamento, execução e o pós-conselho de classe. [...] O papel de fazer a mediação também, muitas vezes entre a família, muitas vezes com os professores, papel de orientação, de organização também, ajudar eles a se organizar. É bem amplo assim. [...] o setor tem uma contribuição ótima no sentido de que a gente acompanha todo o processo. (E9)

[...] o cargo mesmo de pedagoga, aqui no *campus* [...], ele é alocado no SAP também. Então é as meninas que são as pedagogas, que acabam fazendo esse trabalho que deveria estar mais ligado à assistência estudantil [...]. (E10)

E o SAP tem questões burocráticas que são essenciais para organização didático-pedagógica. A gente precisa saber legislação, a gente precisa saber o que precisa guardar, a gente precisa saber como organizar. Então isso é do SAP! [...] o tema principal nosso é zelar para que ocorra tudo que está previsto no planejamento da instituição. Zelar, não significa que a gente tem que fazer. (E12)

Cada dia no SAP é uma surpresa, [...]. Mas a gente tem essa demanda de ficar assessorando as coordenações, os professores, [...] todas as outras atividades que tem a ver com as questões mais burocráticas, a questão dos Projetos Pedagógico. (E13)

A gente participa de quase todas as reuniões, [...]. Então, a gente tem uma visão geral do *campus*. [...] E o SAP, no nosso entendimento também existe para isso, para dar suporte à gestão que vier e que for. (E12)

[...] nesse momento, as atividades são mais burocráticas, mais administrativas, e essa sempre é uma briga nossa. [...] e a gente gostaria de aprimorar, de ler legislação, procurar ler livro sobre educação, acompanhar muitas discussões, e às

E16);

- Importância do apoio e respaldo da gestão. (E3, E6, E10, E15);

- Setor de acolhimento, de escuta. (E4, E5, E8, E9);

- Papel colaborativo com a gestão, coordenadores, docentes, com os demais setores, com a instituição. (E4, E6, E8, E9, E12, E13);

- Natureza das atividades do SAP: acompanhar as aprendizagens, fazer intervenções e de propor mudanças (metodológicas, na avaliação), realizando a mediação e acompanhamento de todo processo educacional. (E3, E4, E5, E6, E16);

- Papel de mediação, de orientação, de organização, de mobilizador das práticas preconizadas nos PPCs. (E4, E9, E13, E16);

- Importância do trabalho em rede: assistência estudantil, saúde, os núcleos de inclusão, os outros núcleos. (E8, E14);

- Setor atuante em projetos, em pesquisas. (E8);

- Importância de momentos de estudo, formação continuada e troca de experiências. (E3, E5, E8, E12, E14);

- Atendimento à estudantes como papel do pedagogo e/ou da Coordenação de Assistência Estudantil (CAE). (E10);

- Zelar para que ocorra tudo que está previsto no planejamento da instituição. (E12, E14);

- Muitas demandas e pouco tempo para se dedicar a cada uma delas, especialmente às ações pedagógicas. (E2, E3, E12);

- A falta de tempo é agravada pela falta de servidores e pela necessidade de realizar tarefas que não seriam de sua responsabilidade. (E12, E14);

- Há uma sensação de que as

vezes falta um pouco de tempo. E sempre a gente acaba resolvendo situações imediatas [...] mas a gente gostaria de focar mais no pedagógico. (E14)

Nós acompanhamos toda a trajetória de forma indireta e também toda parte de legislação. [...] A gente faz cumprir a legislação. Então esse é um papel fundamental. A gente consegue acompanhar os alunos e aos professores baseado na legislação vigente. Para isso nós temos que buscar conhecimento e toda a interação que precisa para dar conta disso. (E14)

Sabemos o que tem que fazer, não é uma crise de identidade particular nossa. Mas a gente não vê respaldo, não vê segurança. E o nosso setor precisa ter respaldo. A gente não faz as coisas sozinho, nosso trabalho depende do trabalho dos docentes, depende da visão da gestão. (E15)

Dentro das nossas atribuições existem as de caráter administrativo. [...] na construção de um Projeto Pedagógico de Curso (PPC), na revisão de um PPC [...] E eu acredito que são necessárias. (E16)

Eu vejo assim: é a Assessoria Pedagógica, tem que assessorar, [...] tentar encontrar meios que favoreçam o melhor ambiente de aprendizagem. [...] Então o nosso papel é mediar, é sugerir ações e, no que nos cabe, fazer essas ações que qualifiquem os processos na aprendizagem. (E16)

Mas a gente não consegue abraçar tudo. E quando a gente foca mais nos docentes, obviamente, a gente deixa os alunos de lado [...]. Não dá conta de tanta demanda. E isso é uma fragilidade do nosso setor que não tá bem delimitado. (E2)

[...] só que a gente é absorvida pelas atividades diárias, porque tem pouco servidor. E esse trabalho que a gente faz muitas vezes seria dos assistentes de alunos. [...] E a gente falha nesse sentido, no tempo de estudo da gente, no tempo de preparação de formação de professores, de organização das reuniões, [...]. E as formações que seria nossa função também, foram ficando em segundo plano [...]. (E12)

Aquelas 34 atribuições do setor, 34 demandas que estão ali como atividade do setor, eu penso que a gente precisaria rever. Porque tem muita coisa ali que não nos cabe, que eu entendo que não nos cabe. (E4)

Nós temos as nossas atribuições, [...]. Mas poderia ser mais claro, mais objetivo, algumas coisas são bem genéricas, mas muito importante para estabelecer de fato qual é o nosso papel dentro do SAP. (E14)

Eu acho que cada SAP tem que ter a sua caminhada, dentro da realidade do seu *campus*. Ter algumas linhas gerais, claro, dentro da instituição, [...]. A gente tá construindo uma caminhada bonita dentro das nossas características. [...] mas não pode ser enquadrado em todas, porque as características são diferentes, número de servidores diferentes, forma de organização diferente, e é isso que é o saudável. (E12)

[...] o nosso sistema acadêmico ele não fornece dados de rendimento, relatórios de rendimento. Por exemplo, para eu saber de uma turma, quantos alunos estão com três disciplinas abaixo da média, tem que abrir boletim por boletim para verificar! (E4)

Eu penso que seria importante mais momentos de formação, porque nos momentos em que a gente se encontra, é importante ouvir, trocar as experiências. Muitas vezes aquilo que tu passa lá no *campus*, o colega também tá passando. (E3)

[...] a questão do desafio acho que é a adesão nas formações. [...] tanto TAEs quanto docentes. (E9)

[...] mas eu acho que os fatores que mais prejudicam são as resistências. E a avaliação que às vezes as pessoas não fazem, uma autoavaliação do seu trabalho. (E4)

Então assim, existe cada vez mais forte essa disputa de espaço entre TAEs e docentes. Então não há uma parceria, não há esse sentimento de unidade, não é um trabalho em equipe. (E15)

Eu acho que o principal desafio nosso é conseguir um espaço permanente de encontro com os professores. [...] que fizesse essa atividade de ir pensando a prática, o dia a dia, e junto com isso ir teorizando e buscando alternativas. (E12)

E com o trabalho com os docentes, o que é mais desafiador ainda é a resistência de alguns profissionais em repensar sua metodologia, sua prática. (E16)

E eu não sei se a gente já tá meio que desistindo, e cansada de bater contra a parede

atribuições do SAP não estão bem definidas, levando à realização de tarefas que não correspondem ao setor. (E2, E4, E12, E14);

- Importância do conhecimento das atribuições para organizar o trabalho. (E14, E16);
- Dificuldades com o sistema acadêmico atual e sobrecarga de trabalho manual, que impactam o acompanhamento pedagógico. (E4);
- Desafio da adesão às formações (TAEs e docentes). (E9, E10);
- Resistência à mudança: parte dos docentes demonstram resistência a novas metodologias, reuniões pedagógicas e autoavaliação, que dificulta a implementação de melhorias no processo de ensino-aprendizagem. (E4, E15, E16);
- Dificuldades na relação entre docentes e Assessoria Pedagógica. (E10, E15);
- Assessoria Pedagógica é vista como fiscalizadora, e não como auxiliadora no processo de qualificação do trabalho. (E10);
- A importância da autoavaliação e da reflexão sobre a prática. (E4, E12, E15);
- A influência da forma de organização das universidades. (E15);
- É reconhecida a necessidade de cada SAP se organizar conforme a realidade do seu *campus*, considerando suas características e necessidades específicas. (E12);
- Necessidade de maior apoio da gestão do ensino para organização e delimitação de questões pedagógicas. (E10, E15);
- Sentimento de frustração, desistência e cansaço devido à falta de apoio e

o tempo inteiro, que a gente vai perdendo forças ao longo do caminho. Porque no discurso tem: “Ah, nós respaldamos vocês! Não, contem conosco! Nós damos aqui o suporte!” Só que às vezes, até uma simples convocação não é respeitada, ela é entendida como um convite. “Ah, é as gurias do SAP que vão falar, né! O que elas têm para nos dizer de novo?” (E15)

Tem que resolver muitas questões, acho que temos que reafirmar o que a gente quer enquanto instituição, qualificar sempre os cursos técnicos integrados, antes de partir para outras modalidades. [...] posso até estar equivocada, mas eu vejo com uma preocupação muito grande essa nossa incerteza de qual é a nossa principal função enquanto instituição. (E16)

Eu não vejo ofensa da gente sentar e repensar o trabalho, porque obviamente alguma coisa que nós estamos fazendo não está dando certo. A começar pelo fato desses cursos não serem integrados na prática, na sala de aula, porque não há um planejamento integrado. Como é que um currículo vai se integrar, se o professor da Geografia tá lá numa sala, o professor de Solos está lá na outra! Eles não se conversam. E quando se reúnem, se reúnem por áreas. Como é que um curso integrado vai fazer reunião por área! E isso é uma cultura que eles trazem das Universidades, aquilo departamentalizado, e querem transformar os nossos *campi* em miniuniversidades. (E15)

reconhecimento. (E10, E12, E15);

- Percepção de que o discurso de apoio não se traduz em ações concretas. (E15);

- Necessidade e importância do trabalho colaborativo, integrado e em rede para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. (E4, E8, E16);

- A necessidade de reafirmar a missão e os objetivos da instituição, priorizando a qualificação dos cursos técnicos integrados. (E16).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

Ao integrar as diferentes narrativas dos participantes, revela-se, em um primeiro momento, uma percepção bastante ampla e positiva do papel do SAP, como também, uma complexidade de atividades desenvolvidas pelo setor, que vão desde o acompanhamento pedagógico de estudantes e professores até a execução de tarefas administrativas e burocráticas.

Para esses profissionais, o Setor de Assessoria Pedagógica (SAP) apresenta uma relevância fundamental na instituição, sendo definido por E8 como “setor de referência” e “coração da instituição”. Definem como um setor que deve trabalhar com o pedagógico (E3), com foco no desenvolvimento da educação e na implementação dos processos educacionais, colaborando e zelando pelo cumprimento das diretrizes institucionais e garantindo que todas as ações previstas no planejamento da instituição sejam devidamente executadas (E12). O setor também é citado como mobilizador das práticas preconizadas nos Projetos Pedagógicos de Cursos (E4). Nesse sentido, destacam a importância da realização de momentos de estudo, de leituras sobre educação e legislações pertinentes, garantindo uma formação contínua dos profissionais (E8; E12).

Destacam, também, que a atuação do SAP ocorre de maneira colaborativa, estabelecendo parcerias com a gestão, coordenadores de cursos, docentes e outros setores e núcleos da instituição, o que fortalece a integração das ações educacionais e o atendimento das demandas discentes (E4; E6; E7; E8; E9; E12; E13; E16). Identificam que a natureza de suas funções envolve esse acompanhamento das aprendizagens, a realização de intervenções e a proposição de mudanças metodológicas e avaliativas, realizando a mediação e o suporte ao processo educacional (E3, E4, E7, E9, E16). Esse posicionamento pode ser observado na narrativa de E4, ao dizer que “A gente tem um papel fundamental de acompanhar as aprendizagens e de propor mudanças quando a gente percebe que é necessário fazer essas intervenções”. Além disso, apontam como papel essencial a mediação, orientação e organização das práticas pedagógicas (E9; E13; E16).

As narrativas dos participantes revelam que o Setor de Assessoria Pedagógica (SAP) desempenha um papel central no acolhimento e acompanhamento de estudantes e docentes, com foco na efetividade da aprendizagem. Essa centralidade se manifesta no apoio contínuo e na busca por garantir a permanência e o êxito dos alunos. Além disso, o SAP se dedica à organização de atividades extraclasse, como eventos e projetos, que promovem o sentimento de pertencimento e influenciam positivamente a aprendizagem. (E4; E12)

No entanto, também encontramos a compreensão de que o atendimento aos estudantes (questões de aprendizagem) pode ser realizado tanto pelos pedagogos quanto por técnicos administrativos em educação, mas vinculados à CAE, e não ao SAP. Entendimento trazido por E10,

quando menciona que “o cargo mesmo de pedagoga, aqui no *campus* [...], ele é alocado no SAP também. Então é as meninas que são as pedagogas, que acabam fazendo esse trabalho que deveria estar mais ligado à assistência estudantil [...]”.

Apesar de sua natureza pedagógica (E4), o SAP frequentemente se vê envolvido em tarefas burocráticas, desviando-se de seu foco principal. Essa dualidade entre o ideal e a prática é expressa por E3, ao dizer que o setor deveria fazer os processos pedagógicos acontecerem, mas prossegue referindo como sendo “[...] o que ainda não se conseguiu chegar! Aquilo que eu acho que seria o ideal”. A narrativa de E5 complementa essa percepção, afirmando que “[...] nós acabamos muito envolvidos em questões mais burocráticas do que práticas”. Essa sobrecarga burocrática é exemplificada por E14: “[...] nesse momento, as atividades são mais burocráticas, mais administrativas, e essa sempre é uma briga nossa”.

Embora as atividades burocráticas sejam necessárias, como apontado por E12, quando diz que “o SAP tem questões burocráticas que são essenciais para organização didático-pedagógica”, elas não deveriam limitar as práticas pedagógicas, estudos e a interação com estudantes, docentes e famílias, como se observa em outros relatos (E3; E5; E14; E16).

Portanto, o Setor de Assessoria Pedagógica enfrenta alguns desafios que percebe-se como de ordem da gestão do trabalho e da centralidade e atuação do setor. Evidencia-se nas narrativas uma diversidade e sobrecarga de demandas de trabalho, com pouco tempo para se dedicarem às ações pedagógicas, como por exemplo, formação continuada de professores e apoio aos estudantes. Além disso, o quadro incompleto do setor e a necessidade de realizar atividades que não são de sua responsabilidade direta, agravam essa situação (E12). As entrevistas apontam para a necessidade de revisão e melhor definição das suas atribuições, previstas em portaria institucional, que são caracterizadas como excessivas, pouco claras e incluem algumas tarefas que não correspondem ao setor (E4, E12). Essas questões dificultam o planejamento e a execução das ações. No entanto, também é reconhecida a necessidade de cada SAP se organizar conforme à realidade do seu *campus*, considerando suas características e necessidades específicas (E12). E essa flexibilidade e autonomia é vista de forma positiva e fundamental para o bom funcionamento do setor.

A falta de dados e relatórios adequados, fornecidos pelo sistema acadêmico, é mencionado como outro fator dificultador, aumentando a carga de trabalho, pois precisam realizar tarefas manuais, como verificar boletins individualmente e criar planilhas (E4). Essas dificuldades impactam diretamente o acompanhamento pedagógico, comprometendo a identificação precisa das questões que envolvem a aprendizagem e a definição das ações.

Outro desafio enfrentado pela Assessoria Pedagógica reside na formação e acompanhamento docente. A formação oferecida pelo setor é considerada falha, seja pela falta de investimento da gestão, seja pela resistência dos próprios professores, que veem a equipe pedagógica como fiscalizadora e não como parceira no processo de qualificação (E10). Essa relação conflituosa, tem gerado um isolamento de parte dos docentes e TAEs, dificultando a comunicação e o trabalho conjunto. Essa situação, de acordo com as entrevistas, reflete na prática pedagógica, como por exemplo, na dificuldade em repensar as metodologias e direcioná-las às necessidades dos estudantes, e a falta de planejamento integrado e comunicação entre professores de diferentes áreas. Soma-se a isso, a necessidade da realização da autoavaliação (entendida como um momento de reflexão sobre a prática), considerada essencial para a melhoria do trabalho.

Nas narrativas, também é mencionada a influência da cultura universitária, que promove a departamentalização e dificulta a integração curricular, transformando os *campi* em “miniuniversidades”(E15). Nesse contexto, a reflexão de Ciavatta (2014a,) sobre o futuro do ensino integrado torna-se particularmente relevante. A autora argumenta que a continuidade dessa proposta reside fundamentalmente na ação dos professores, uma vez que “[...] não é um governo que irá fazer os professores se reunirem para discutirem, pois, se os professores não estão integrados entre si, não há integração do ensino” Ciavatta (2014a, p. 62).

A narrativa de E16 traz para a reflexão uma preocupação sobre a necessidade da instituição reafirmar sua identidade, seus valores, princípios basilares e objetivos, buscando clareza e direcionamento. Essa incerteza sobre a principal função da instituição sugere uma fase de transição e questionamento sobre seu papel na sociedade, evidenciando a necessidade de retomar prioridades e fortalecer sua identidade. A ênfase atribuída à qualificação dos cursos técnicos integrados antes de expandir para outras modalidades, demonstra um compromisso dos profissionais com a qualidade e a consolidação dos programas existentes.

Também não poderíamos deixar de problematizar a presença de um sentimento de frustração e desistência por parte de alguns profissionais do Setor de Assessoria Pedagógica. O pouco respaldo ao trabalho realizado, a falta de apoio das gestões, e a percepção de que o discurso não se traduz em ações concretas, tem gerado um sentimento de desistência e cansaço.

As entrevistas também trazem à tona potencialidades que têm contribuído para a qualidade do trabalho do SAP. Dentre elas, destacam-se a experiência de alguns *campi* com o desenvolvimento de atividades e trabalho de forma conjunta, integrada e colaborativa, envolvendo a equipe da gestão do ensino (Direção de Ensino, Coordenação Geral de Ensino, Coordenadores de cursos) e outros setores (formação de uma equipe de apoio, equipe multidisciplinar); o acolhimento dos estudantes desde o início do ano letivo, demonstrando a preocupação com seu bem-estar e sucesso acadêmico; e a avaliação permanente e integrada à rotina da instituição, com a participação de todos, indicando uma visão de avaliação como responsabilidade compartilhada. Essas ações são compreendidas como determinantes para a superação dos desafios e a construção de um ambiente educacional mais eficaz, que podem influenciar positivamente a aprendizagem dos estudantes.

Considerações finais

Partimos de uma premissa fundamental, fruto das reflexões produzidas por Minayo (2012, p.622), que refere a compreensão da realidade como um movimento complexo e desafiador, permeado por limitações e particularidades. Dessa forma, nosso entendimento sobre essa realidade é de natureza intrincada, que não se revela de forma simples, mas sim através de um processo cheio de desafios e composto por inúmeras variáveis, onde tanto os sujeitos pesquisados quanto os pesquisadores carregam consigo compreensões parciais e inacabadas, moldadas por suas experiências e perspectivas particulares. Assim, reconhecemos que esta investigação, como em qualquer outra pesquisa, está sujeita a essas mesmas limitações trazidas pela autora já referida.

Ao trilhar o caminho da pesquisa buscamos responder à questão: como o Setor de Assessoria Pedagógica contribui para as aprendizagens dos estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio?

A análise demonstrou que o setor executa práticas diversas que englobam, de maneira geral, o assessoramento pedagógico e o acompanhamento ao trabalho docente, discente, à gestão e às famílias, voltadas a assegurar o desenvolvimento das políticas institucionais e atendendo as disposições da portaria institucional que estabelece as atribuições das suas unidades organizacionais.

O Setor de Assessoria Pedagógica, ao acompanhar e desenvolver práticas que objetivam assegurar que as atividades educativas aconteçam em consonância com a Proposta Pedagógica do Instituto Federal, atua como um mediador no processo de ensino-aprendizagem e na concretização da proposta de formação integrada. Ao auxiliar no desenvolvimento e operacionalização das atividades curriculares e promover ações educativas articuladas com os demais setores e serviços do *campus*, trabalha na perspectiva da construção de um ambiente democrático, participativo e inclusivo, onde a produção de conhecimento é incentivada e vista como responsabilidade compartilhada, destacando a importância da interação social para o desenvolvimento dos processos educativos.

Ao desenvolver práticas relacionadas às questões de aprendizagem (formas de organização de estudo, acompanhamento do processo de interação com o ambiente educacional, práticas de acolhimento, constituição de equipes multidisciplinares, promover e incentivar a interação entre estudantes e docentes, acompanhar todo o processo dos Conselhos de Classe, participar e promover intervenções em reuniões pedagógicas, orientar e acompanhar as práticas pedagógicas docentes), o setor contribui significativamente na qualificação desses processos, em especial para as aprendizagens dos estudantes de ensino médio integrado.

O desafio que se coloca é a instituição/setor desenvolver estratégias para potencializar as ações pedagógicas do SAP e superar as dificuldades apontadas nas narrativas, definindo de forma mais clara as prioridades do setor e as suas atribuições, discutindo e implementando um quadro mínimo de cargos de servidores para todos os *campi*, fortalecendo a comunicação entre SAP e professores através de encontros regulares, reduzindo o volume de demandas burocráticas, incentivando as práticas direcionadas para a melhoria dos processos de aprendizagem e a formação continuada, promovendo o fortalecimento dos canais de comunicação e interação, retomando as bases conceituais dos Institutos Federais e do Ensino Médio Integrado. Além disso, trabalhar no sentido de promover a cultura do estudo e da reflexão crítica sobre a prática, pautada pelo respeito, pelo diálogo e pela integração.

Na mesma direção das sugestões acima, referimos a teoria de Lev Vygotsky, que com sua ênfase na interação social e na mediação cultural, oferece um arcabouço teórico robusto para compreendermos o desenvolvimento cognitivo humano e assim criar estratégias de ação com foco na aprendizagem e em estreita relação com os princípios e concepções presentes nas diretrizes institucionais. O estudo da teoria Histórico-cultural e a compreensão dos processos de desenvolvimento cognitivo são relevantes e fundamentais para a prática pedagógica dos profissionais da educação. Ao aprofundar conhecimento sobre a teoria vygotskyana, a Assessoria Pedagógica pode apropriar-se de uma base teórica condizente com as concepções presentes na proposta pedagógica institucional e com o referencial teórico de criação dos Institutos Federais, subsidiando teoricamente as suas ações, permitindo-lhe refletir sobre as abordagens pedagógicas mais adequadas, tanto em suas ações junto aos estudantes como no trabalho de orientação aos professores, na implementação de práticas que promovam o desenvolvimento integral dos alunos.

É importante ressaltar que essas considerações não configuram tentativas de apresentar soluções ou respostas para as diferentes questões encontradas nas entrevistas, são apontamentos para iniciar a discussão e a reflexão crítica sobre a prática.

Referências

- CIAVATTA, M. A historicidade das reformas da educação profissional. **Cadernos de Pesquisa em Educação** - PPGE/UFES. Vitória, ES. a 11, v. 19, n.39, p. 50-64, 2014a. Disponível em: <http://www.publicacoes.ufes.br/educacao/article/view/10246>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- CIAVATTA, M. O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral. Por que lutamos? **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187–205, 2014b. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- FRANCO, M. A. S. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, 2015. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-41-3-0601.pdf>. Acesso em 22 nov. 2023.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FRIGOTTO, G. Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. **Perspectiva**. [S. l.], v. 19, n. 1, p. 71–87, 2001. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8463>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FRIGOTTO, G. **Políticas, currículo e formação integral no Ensino Médio Integrado dos IFs**. YouTube, transmitido ao vivo em 29 de jul. de 2021. 51min58s. Disponível em:
https://www.youtube.com/live/3xhxN7iQVM0?si=aFR_vgIJnX-ne77e. Acesso em 01 fev. 2024.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 dez.2025.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. 3.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. Scipione, São Paulo, 2010.

PACHECO, E. (Org.). **Institutos Federais uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Brasília: Moderna, 2011.

PILETTI, N.; ROSSATO, S. M.. **Psicologia da Aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo**. São Paulo: Contexto, 2013.

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

RAMOS, M. N. Ensino Médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, J. (Org.) **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RAMOS, M. N. Políticas Educacionais: da Pedagogia das Competências à Pedagogia Histórico-Crítica. In: BARBOSA, M. V.; MILLER, S.; MELLO, S. A. (org.). **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p.59-75. DOI: <https://doi.org/10.36311/2016.978-85-7983-772-2.p59-75>.

SZYMANSKI, H. (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.